



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A MULHER NEGRA NO LIVRO DIDÁTICO

Letícia Thaynã de Queiroz Alves ¹
Renata Leidiane Oliveira Maia ²

Vista na sociedade apenas como um ser submisso e dominado pelo homem, tratar de mulher e reconhecimento do seu poder em uma sociedade historicamente machista, sempre será alvo de polêmica. O machismo traz consigo o silenciamento das mulheres na história, e esse silenciamento pode ser notado nos mais variados âmbitos, mas principalmente na história e no livro didático. Apesar disto, nos últimos anos, historiadores vêm tentando romper este silenciamento nas perspectivas historiográficas tradicionais, buscando mostrar a presença real da mulher na história. Mas tratar sobre a mulher na história seria fugir da lei do equilíbrio histórico, citado por Michelle Perrot em sua obra “Os Excluídos da História”, a lei do equilíbrio histórico seria o poder político apenas nas mãos dos homens, assim como a ordem patriarcal que deve reinar tanto na família quanto no Estado, para que seja mantido assim o equilíbrio histórico. Sendo assim, o matriarcado seria uma completa tragédia rodeada pelo caos, diminuindo assim o papel das mulheres e as apagando de momentos importantes da história.

Em sua obra intitulada “Mulheres Negras No Brasil Escravista e do Pós-Emancipação” de Marcelo Paixão e Gomes(2012), o papel da mulher negra na sociedade escravista era indigno e vergonhoso, não passava de um simples objeto e não era vista como um ser humano passivo de sentimentos e desejos próprios, e do quanto isso se perpetuou e se reflete na sociedade atual.

Quanto ao papel das relações de gênero e raça no passado escravista – entre a imagem de mucamas e a suposta permissividade sexual -, nas primeiras décadas da abolição pairam a estigmatização e a erotização do corpo da mulher negra. Hoje, temos indicadores sociais que apontam desigualdades no mercado de trabalho e a preponderância feminina na chefia dos domicílios das grandes regiões metropolitanas, com seus muitos outros silêncios.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre. E-mail: leticialorenaqueiroz@gmail.com

² Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre. E-mail: renataleidiane@gmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

de formação nacional, portanto, deve ser encarada como parte fundamental do conjunto das políticas engajadas com uma educação de qualidade para todo. Contudo, a implementação da mesma foi prejudicada devido ao reduzido número de especialistas em história e cultura africanas existentes no Brasil (JACCOUD, 2008).

O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas tem majestosa importância na construção de autoafirmação das crianças e jovens negras, esse processo de identificação racial segundo Nilma Lino Gomes (1995):

Se constrói em um longo processo, que se inicia desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções, afetividade e primeiros ensaios de uma futura visão de mundo.

É importante que se entenda que a construção de uma identidade está em constante mutação e que leva anos para a construção da mesma, e que se constrói a partir da situação sociocultural em que se encontra o sujeito. Em uma sociedade é possível encontrar vários grupos culturais, o melhor exemplo é o Brasil, onde se nota que há uma grande mistura de culturas, mas que cada região possui a sua especificidade. Levando em consideração que a construção de uma identidade é relacional, entende-se que essa construção se dá a partir do que a sociedade em que o sujeito se encontra foi historicamente submetida. A escola influencia diretamente na formação da identidade de uma criança, e para que ela possa se auto afirmar negra sem sentir um mal estar ou vergonha, é preciso que seja ensinado nas escolas o valor da cultura afro-brasileira e da importância dos negros para a construção do país, não apenas como escravos, mas como pessoas que trouxeram consigo grande bagagem cultural que se enraizaram e que mesmo sem saber fazemos uso e nas mais variadas áreas como, por exemplo, a culinária, a linguagem, a música e etc.

Sobre a representatividade Nilma Lino (1995) diz que:



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Contudo, desde o início da trajetória escolar, a criança se depara com um determinado tipo de ausência que a acompanhará até o curso superior (para aqueles que conseguem romper com a estrutura racista da sociedade e chegam até a universidade): a quase total inexistência de professores e professoras negras. A criança negra se depara com uma cultura baseada em padrões brancos. Não se vê nos livros didáticos, nos cartazes espalhados pela escola e na escolha para encenar números nas festinhas.

Representatividade significa representar com efetividade e qualidade o segmento ou o grupo o qual se faz representar. Histórias podem parecer irrelevantes para quem as trata como simples entretenimento, mas elas influenciam no planejamento do nosso futuro. Para uma menina de 12 anos bombardeada com referências de princesas com traços europeus, a frustração futura é quase certa. Representatividade negra na escola é importante para a promoção da inclusão, as meninas negras precisam ver e se enxergar com um futuro brilhante, vendo-se como mulheres em potencial tendo orgulho de sua cor e isso pode ser realizado a partir dos estudos de sua origem.

A mulher negra pode ser incluída no conteúdo escolar sem ser tratada apenas como escrava doméstica e sexual, Dandara dos Palmares, por exemplo, dominava técnicas que não eram comuns a mulheres. Dandara dominava a capoeira, trabalhava com madeira e caçava, participava e opinava em construções de estratégias de luta, era uma verdadeira mulher ativa na luta contra a resistência a escravidão. Dandara é um ótimo exemplo a se seguir, e poderia sim ser mencionada nas escolas ao se falar de escravidão, que é um assunto que se encontra sim nas orientações curriculares. Há varias formas de incluir a mulher negra na sociedade escravista nas aulas sem denegrir ou rebaixar a imagem da mesma.

Após 120 anos da abolição da escravatura no Brasil, a sociedade brasileira ainda enfrenta o desafio da integração social e étnico-racial. Estudos demonstram que a educação básica encontra-se marcada pela desigualdade racial.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Ao analisar a iconografia presente no livro didático referente ao período da escravidão, o que se pode encontrar é o negro trabalhando, sendo castigado, em cativeiro e as mulheres com os corpos expostos totalmente nus. O livro didático muito pouco aborda sobre as formas de resistência, e muitas vezes propiciam interpretações equivocadas, que acabam deixando a entender que os africanos foram passivos á escravidão, principalmente as mulheres que nunca são citadas como referencial de resistência.

Os livros didáticos continuam de um modo geral, representando a população negra como minoria na sociedade brasileira, imersa na perspectiva do universalismo abstrato a partir dos valores eurocêntricos e com a homogeneização de sua situação na sociedade atual. Além disso, é constante a abordagem sobre o negro como escravizado, no passado e a partir de uma perspectiva de que a participação dos negros na construção da sociedade brasileira se resume a pequenas contribuições.(REGIS,2012)

Tendo em vista os aspectos acima mencionados entende-se que a discriminação da mulher negra pelo livro didático é uma realidade, e que quando representada é demonstrada de forma que possa alimentar estereótipos racistas que há anos se mantêm vivos e acabam sendo repassados no âmbito escolar através do livro didático que se mantêm deficientes em conteúdos. Pretende-se com este artigo, demonstrar a importância de se estudar mulheres negras na educação básica, visando promover a valorização da imagem da mulher negra quebrando estereótipos e mitos históricos, além de focar na formação de uma sociedade em que os sujeitos respeitem e sejam respeitados nas suas diferenças, anulando então práticas excludentes tão comuns na sociedade.

REFERÊNCIAS:

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

MARQUES, Sônia Maria dos Santos (org.). **Educação, cultura e etnia: aportes**

